

Opinião

Aires Ferreira*

Porquê a barragem?

É IMPOSSÍVEL em curto espaço dizer tudo o que é relevante, limitar-me-ei portanto a respirar o que de todo me parece não poder ser ignorado.

1. Esta barragem tem um historial longo, desde a década de 50, e a sua antecipação foi anunciada em simultâneo com a decisão de suspender a do Cão.

2. O EIA (Estudo de Impacte Ambiental) foi lançado em 1996, desenvolveu-se durante dois anos e meio (!) e foi apresentado, não com o projecto de execução, mas em fase prévia, e foi portanto susceptível de condicionar a solução final, como por exemplo a própria localização. No conteúdo e no processo é exemplar.

3. A importância do património natural do Baixo Sabor é de assumpção recente (após anúncio da barragem). De facto, nunca a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo conseguiu sensibilizar entidades oficiais para ele. Factos:

- Em 1988, quando a autarquia pretendia passar a gestão da serra do Rebordeiro para a gestão do ambiente, em associação com o Baixo Sabor, foi dito claramente que o Alto Sabor (Biótipo Corine, etc.) é que tinha interesse;

- Não integrou a primeira lista de sítios da Rede Natura, após os estudos do Instituto da Conservação da Natureza e do Instituto Politécnico de Bragança;

O Ministério da Cultura, que anunciou parecer favorável à barragem do Baixo Sabor, dificilmente o dará relativamente ao Cão por motivos sobejamente conhecidos.

- Não foi considerado suficientemente importante para que o concelho de Torre de Moncorvo fosse associado ao Parque Natural do Douro (aliás, também Carrizada de Ansiães e Vila Nova de Foz Côa pretendiam que este parque abrangesse o troço superior do Douro).

4. O processo de contestação que se tem vindo a desenrolar descredibiliza totalmente os processos de AIA (Avaliação do Impacto Ambiental), porquanto:

- Muitos dos que se pronunciam não viram sequer o EIA. A maioria das associações ambientalistas primaram pela ausência nas várias reuniões de apresentação que o IPAMB promoveu, cuja participação, foi aliás confrangedora.

- O Estudo de Impacte Ambiental é dos melhores elaborados neste país e conclui por largos benefícios, inclusive a nível de clima, fauna e flora que suplantam os impactos negativos.

A partir de agora, poder-se-á questionar para que servem afinal os EIA, sempre tão reivindicados.

5. A alternativa avançada publicamente (alto/médio Cão) foi considerada apenas em estudos preliminares da Direcção-Geral de Energia e abandonada na proposta final do Plano Energético Nacional, divulgado pelo ministro da Economia.

• Desde logo o Ministério da Cultura, que anunciou parecer favorável à barragem do Baixo Sabor, dificilmente o dará relativamente ao Cão por motivos sobejamente conhecidos;

- O Cão é Rede Natura e ZPE no próprio local do eventual empreendimento, e tem portanto impactos maiores relativamente à fauna e flora;

- O empreendimento passará de 50 milhões de contos (custo no Sabor) para 90 milhões de contos.

6. Não construir a barragem do Baixo Sabor é desistir de:

- Gerir os recursos hídricos nacionais, reforçando a dependência de Espanha;

- Construir uma reserva estratégica de água que possibilite fazer face a situações de seca;

- Criar condições para o regadio da metade sul do Vale da Vila-riça; índices de desertificação climática e humana, um investimento que na afirmação do presidente da Câmara de Alfândega da Fé é o "Alqueva do Nordeste".

7. É comum ouvir-se dizer que é demagogia falar de desenvolvimento local a partir de uma barragem. Mas demagógico é falar-se de parque natural sem barragem.

Porque se tivesse um património natural que o justificasse, teria sido agregado ao Parque do Douro.

Porque Portugal entre parques e Rede Natura tem já cerca de 20 por cento do território classificado a exigir especial intervenção e muitos milhões.

Portanto, enquanto no Cão a alternativa era barragem ou parque arqueológico, no Baixo Sabor a alternativa é barragem ou... nada.

A Câmara Municipal de Torre de Moncorvo está a desenvolver um projecto com a Universidade Nova visando a constituição de um Parque Natural Sabor-Rebordeiro, com base na albufeira da barragem e aproveitando e potenciando as medidas de minimização dos impactos e as compensações resultantes do empreendimento. ■

* presidente da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo

Opiniões divididas em Felgar, a aldeia mais afectada pela albufeira

“O rio é o encanto do povo”

A PRIMEIRA impressão não é propriamente auspiciosa. Os campos que rodeiam a aldeia, retalhados pelo granito, parecem pobres e monótonos, como a paisagem em geral. Mas, mal se entra na povoação, percebe-se que Felgar é uma terra abastada. Já terá sido mais, mas os sinais da opulência ainda são visíveis nas inúmeras casas de boa traça e linhagem que conserva.

A aldeia tem um celeiro aos seus pés. Quando se passa o termo da povoação e o vale se começa a abrir, a paisagem muda radicalmente e, em vez de montes graníticos, surgem encostas e canadas cobertas de oliveiras e amendoeiras, um mar de verde sobre a terra castanha, toda trabalhada. O melhor bocado fica junto ao rio, o Sabor, que corre ao fundo. São baixios férteis, de onde as gentes de Felgar tiram o melhor azeite da região, o ouro verde da Terra Quente transmontana. “Aquilo é um mimo, um paraíso, ali nasce tudo mais cedo”, diz Manuel Mitreiro, de 78 anos.

Se a barragem da EDP for avançada, as melhores terras de Felgar vão ser submersas. Centenas de hectares de olival e amendoeiras, a base da agricultura daquela aldeia do concelho de Moncorvo, e as casas de xisto que restam da desabitada aldeia de Cilades, situada na outra margem do rio, desaparecerão sacrificados ao peso da produção hidroeléctrica. Manuel Mitreiro não possui qualquer terreno no vale, mas é com tristeza que encara a hipótese de a barragem do Baixo Sabor avançar. “O rio é o encanto do povo”, diz.

Filipe Dionísio, de 20 anos, também gosta muito do rio Sabor, mas, ainda assim, é adepto

da barragem, porque “vai trazer muita gente”. “Vem para aí mundo. Com a barragem, pode ser que isto anime”, diz.

Manuel e Filipe espelham bem a divisão de opiniões que reina em Felgar. Como explicava Mário Martins, trabalhador agrícola e co-proprietário de um café, “as pessoas com mais de 50 anos são contra a barragem. Para elas, as terras têm muito mais valor. Os mais novos são a favor”. Mário faz parte das excepções. Apesar de ser dos novos, está ao lado dos mais velhos. “Não gostava de ver aquilo inundado”, confessa.

De todas as aldeias atingidas pela albufeira da barragem do Baixo Sabor, Felgar é a que sofrerá os maiores prejuízos. E isso que explica a divisão de opiniões. Nos outros lugares, são poucas as vozes que se ouvem a contestar o empreendimento. Nem mesmo as povoações que prestam devoção ao Santo An-

tão da Barca (Alfândega da Fé) protestam contra a barragem, apesar de a albufeira ir submergir aquele santuário. Em nome do “desenvolvimento”, estão dispostas a aceitar a trasladação do santuário para um local mais alto. Só os mais religiosos encaram a mudança com apreensão, pois temem que o santo não goste e “deixe de ajudar num caso de aflição”.

Por todo o lado, o que mais se ouve são críticas aos ambientalistas. “Esses indivíduos dizem que andam para aí a proteger as aves, mas é tudo uma aldrabice. Aqui só protegemos frangas”, diz António Bártolo, trabalhador numa bomba de gasolina de Carvalhal, Moncorvo, e proprietário de terrenos em Esteves (Mogadouro), outra das povoações afectadas pela albufeira”, sublinha.

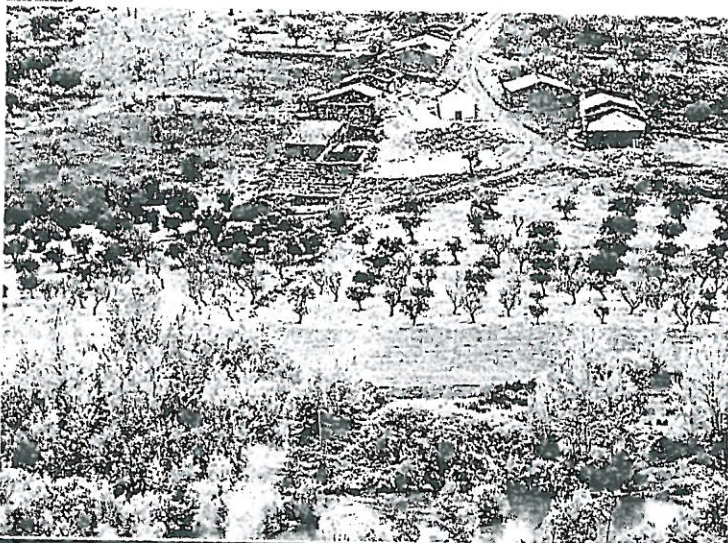
Bártolo, adepto fervoroso da barragem — “Já devia estar feita há 50 anos”, diz —, é da-

queles que acreditam que a albufeira do Baixo Sabor vai trazer muitos turistas. Não é o único. Em Valverde, aldeia do concelho de Mogadouro, também não falta quem sonhe com um enorme espelho de água perto. Apesar de alguns dos melhores terrenos da aldeia irem ser submersos, a população sonha com o turismo, com “muita gente por cá, nem que seja só para pescar”, como dizia um habitante da aldeia.

Um outro vizinho, que assistia à conversa, só perguntava se “não haverá gente em Trás-os-Montes capaz de se juntar para exigir a barragem”. “Em Foz Côa não fizeram a barragem por causa de uns riscos nas pedras, aqui não a querem fazer por causa da merda do buxo [ar busto que, no seu estado espontâneo, só existe praticamente no vale do Sabor! Isto admite-se?!], queixava-se.” ■

Pedro Garcias

MÁRIO MARQUES



Os mais velhos são contra a barragem porque acham que as terras têm muito mais valor

Alto Cão também faz parte da Rede Natura

O TROÇO médio/alto do rio Cão, onde a Direcção-Geral de Energia (DGE) admite ser possível constituir uma reserva de água estratégica alternativa à projectada para o Baixo Sabor, também está classificada como Zona de Protecção Especial (ZPE) para aves. Ao abrigo deste estatuto, o alto/médio Cão integra automaticamente a Rede Natura 2000. Ou seja, os mesmos problemas ambientais que estão em causa no Sabor colocam-se também naquele rio.

Seja como for, ao decidir-se pelo aprofundamento do estudo desta alternativa, o Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território não cometeu nenhuma “gaffe”. Apesar de ter conhecimento da classificação, o ministro José Sócrates não tinha outra alternativa senão mandar estudar a hipótese médio/alto Cão, à luz da legislação

comunitária, que obriga ao estudo de alternativas sempre que esteja em causa a construção de um projecto de grande envergadura numa área protegida.

O que vai ser feito é uma análise comparativa de impactos entre as duas soluções e a opção terá que recair sobre a que for menos agressiva para o ambiente. Mas esta conclusão não é líquida, uma vez que na decisão final também vão pesar outras questões, nomeadamente de natureza económica, e não é certo que a EDP considere viável a solução alto/médio Cão.

Nos estudos que serviram de base ao Plano de Expansão do Sistema Eléctrico de Serviço Público, a possibilidade de constituir uma reserva de água a partir da construção das barragens de Pêro Martins e Senhora de Monforte era apontada para o horizonte de 2020, enquanto que a barra-

gem do Baixo Sabor foi planeada para entrar em funcionamento em 2007. Por esta razão, sublinha Seca Teixeira, técnico da Companhia Portuguesa de Produção de Energia, a empresa do grupo EDP promotora da barragem do Sabor, “o Cão não constitui uma alternativa temporal”. Na sua opinião, não constitui sequer uma alternativa, uma vez que nos estudos de planeamento da EDP ficou sempre claro que “não bastava fazer o desenvolvimento do Cão e que era preciso fazer também o aproveitamento do Sabor e do Tua”.

Depois de o Governo ter desistido da barragem de Foz Côa e de ter autorizado a EDP a analisar uma alternativa no Sabor, os projectos para o Cão foram colocados de parte. Os estudos mais recentes que existem remontam ao final dos anos 80 e previam a constru-

ção de um conjunto de cinco barragens: duas equipadas (Pêro Martins e Senhora de Monforte) e três de captação de água, uma das quais de grande altura.

Segundo Seca Teixeira, esta solução, para cumprir a sua função estratégica — fornecer água ao Douro —, obrigava à construção de cerca 30 quilómetros de obras subterrâneas. Como não é possível construir um contra-balse perto do Douro por causa das gravuras rupestres, o lançamento da água teria que ser feito através de um túnel a partir da barragem de Pêro Martins, que dista 14 quilómetros da foz do Cão.

Pela dimensão das obras que esta solução implica, Seca Teixeira afirma que o Baixo Sabor é “muito mais interessante, não só do ponto de vista técnico-económico, mas também ambiental”. ■ P.G.